

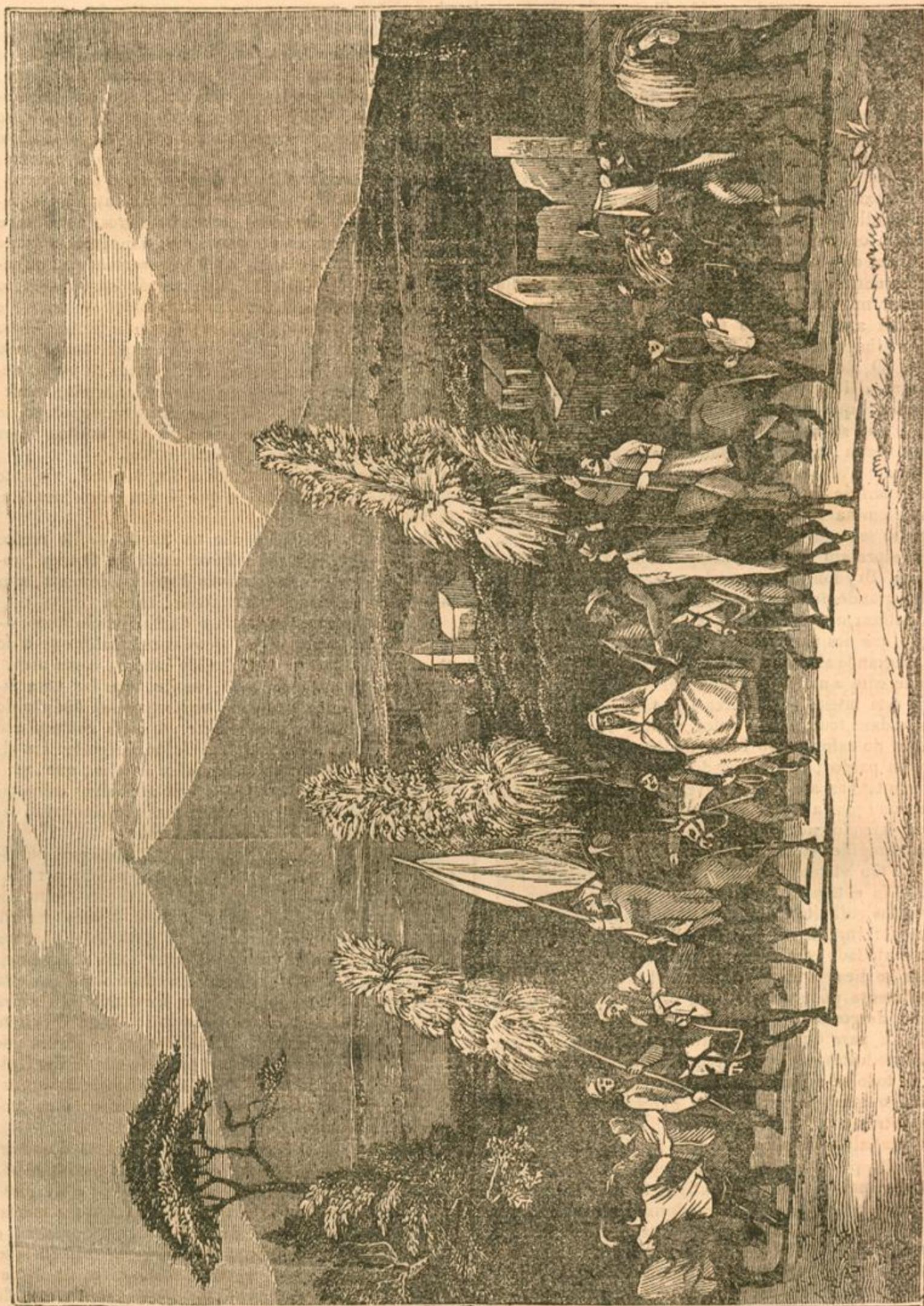
O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO
DA
Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

14.

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS.

AGOSTO 5, 1837.



FESTA DA CEIFA NA SICILIA.

AGRICULTURA NA SICILIA.

A SICILIA, a maior das ilhas do Mediterraneo, em todos os tempos foi notavel por suas bellezas naturaes, e fertilidade de terreno. Juntas estas vantagens ás que procedem da localidade fizeram com que sempre fosse posse della objecto de cubiça das nações, que, em diversos periodos, tiveram influencia no Mediterraneo. Alguns seculos antes da era de Christo estava cheia de colonias de Gregos, que com o andar dos tempos chegaram a rivalisar com o seu paiz natal em opulencia, força, e luxo. Estas na sua declinação largaram o campo ao nascente poder de Carthago, e os Carthaginezes, por seu turno, cederam á suprema fortuna dos Romanos. Todos sabem que a primeira guerra púnica começou na Sicilia. Foi este o primeiro territorio que os Romanos reduziram á fórma de provincia, e como diz Cicero: « Onde primeiro souberam quão excellentemente era dominar nações estranhas, e onde lançaram os fundamentos para a conquista da Africa. » Enviavam com abundancia para a metropole as produções daquelle fertil paiz, que lhe fornecia meios de sustentar milhares dos seus povoadores; e da sua importancia a este respeito tinham elles exacta idéa, porque lhe chamavam familiarmente *o celeiro de Roma*. O mesmo Cicero diz que seus antepassados acharam alli um thesouro, porque durante a guerra social, que por dois annos abalou vivamente a Italia, não só a Sicilia alimentou os soldados, mas até os vestiu, e armou, sem despeza alguma da republica.

A superficie do interior da ilha é muito variada; distinguem-na principalmente os outeiros, que a cada passo se erguem em altas montanhas, e os valles, que se espraiam em vastas campinas de exuberante fertilidade. Brydone descrevendo a sua viagem pela ilha exalta grandemente a sua paisagem.

A belleza e riqueza do paiz (diz elle) cresce á proporção que nos vamos adiantando. Os montes, posto que de grande altura, são cobertos até á extrema sumidade com a mais abundante relva. A herba nos valles já está inteiramente secca, de fórma que os rebanhos andam todos agora pelos montes. A gradual separação do calor, e do frio é muito visivel. Os valles parecem pardos, e chamuscados, e o mesmo as faldas das montanhas até consideravel altura; e dahi para cima começam a tomar uma sombra de verdura, que se vai fazendo cada vez mais e mais escura, e cobre todas as regiões superiores: todavia a herba, e o trigo, não são tão viçosos nos cimos, como nas regiões medias. Nós estavamos attonitos de ver a pasmosa riqueza das colheitas, muito e muito superior a quanto vimos por Inglaterra, e por Hollanda, onde um chão feliz é ajudado com todos os artificios da cultivacão; porém ao mesmo tempo o miseravel lavrador siciliano difficilmente pôde vender para os gastos da lavoira; e ceifa desgostoso, e tristonho, as mais abundantes searas. E para que as teve elle? — só para jazerem como productos estagnados em sua mão, e ás vezes até que de todo se arruinam, sendo vedada a exportação a todo o que não pôde pagar exorbitantes impostos para entrarem nos cofres reaes.»

Os trabalhos da agricultura na Sicilia são dirigidos com muito pouca arte. Os instrumentos, de que usam, mostram mais a rudeza d'antigos tempos do que os melhoramentos da sciencia moderna; e quando, em Inglaterra, por exemplo, os agricultores debatem, e determinam o merecimento comparativo dos arados escocezes e inglezes, os dos Sicilianos permanecem ainda tão grosseiramente construidos como na vida do poeta das Latinas Georgicas. Inda mal que de semelhante censura não pequeno quinhão cabe á nossa ter-

ra. Todavia os Sicilianos ainda estão peiores do que nós.

O arado siciliano consiste n'uma peça de páu, de onze pés de comprido; n'uma das pontas amarram os bois, e a outra encaixa obliquamente n'outra peça de madeira de quasi cinco pés de comprimento; a parte inferior é aguçada para penetrar, ou (como diz Mr. Simond) arranhar na terra; a parte superior serve de péga ao lavrador, e por sua curteza lhe faz gastar no trabalho dobrado tempo do que se fosse com mais asado instrumento. A extremidade que entra no chão é muitas vezes, mas nem sempre, guarnecida de ferro; por tanto substitue imperfeitissimamente o nosso arado de relha, *lavrando apenas pouco mais fundo do que um porco com o focinho*, diz um viajante. Este instrumento da idade primitiva é sujeito a todos os inconvenientes da falta de uma relha, e das aivecas; e a fórma da rabiça torna difficil ao lavrador a tarefa de oguiar em linha recta. Os carros, enxadas, e encinhos são igualmente grosseiros; e suprem a grade com um feixe de çarças, e arbustos espinhosos, puxado por um boi. Quando as terras são estrumadas, o que raras vezes succede, dão trigo todos os annos; e senão, de tres em tres annos, por esta fórma; — no primeiro anno, trigo, no segundo, alqueivam-se, e só dão herba para feno; no terceiro, lavram-se varias vezes, e semeiam-se para o quarto anno. Alguns proprietarios alternam com favas, que lá é grande artigo de consumo para homens e gados, e que muitas vezes tanto as comem cruas uns como outros.

Em tudo isto nos referimos a Mr. Simond, viajante moderno, e acreditado, e que já em outros numeros temos citado.

As terras certamente dão na Sicilia muito menos do que dariam com um soffrivel amanho. O trigo produz oito sementes, em alguns districtos dezeseis, e ás vezes, em annos mais favoraveis, trinta.

As melhores castas de trigo da Sicilia são duas, — uma, de bago comprido, duas vezes maior que o do nosso paiz, e que lá usam cosido inteiro, como arroz; — outra, de um grão oval, molle, que faz uma farinha notavelmente branca, empregada só em pão do luxo, biscoitos, e massas, &c. A ceifa começa nos fins de Junho, e continua em Julho e Agosto. Ha alguns bocados de terreno, chamados *ortaggi*, que, sendo regados artificialmente, dão no anno duas colheitas successivas do mesmo producto, mas são comparativamente poucos, e de pequena extensão.

Ha em differentes partes da Sicilia armazens publicos, onde o trigo se pôde depositar e guardar por tempo consideravel. São geralmente excavações em rochas calcareas, ou covas no chão, do feitio de uma garrafa com seu gargalo, emparedadas, e construidas á prova d'agua com dimensões sufficientes para encerrarem seiscentos a setecentos moios. Quando o armazem está sufficientemente cheio lhe tapam a entrada com pedra e cal para vedarem a communicacão do ar. Por este meio se conserva o trigo dilatados annos, e parece que os Romanos assim o guardavam; achando-se nas Gallias e Hespanhas muitas destas espaçosas cavernas, sobre as quaes tem escripto os antiquarios, e os economistas, largas dissertações.

Os armazens, ou *caricatori*, nos portos d'embarque de trigos (porque ha certos portos por onde sómente se podem exportar) são numerosos e amplos: pôde alli depositar-se o trigo até occorrer oportunidade de o embarcar. Sendo de boa qualidade, e transportado immediatamente depois da colheita, ou do ultimo de Agosto, é armazenado livre de despezas; sendo o lucro da venda por grosso, desde aquelle periodo, sufficiente para costear todos os gastos. O recebimento do *caricator* é objecto de eompras d'especu-

lação em Palermo, Messina, ou Catania, conforme a subida, ou baixa do preço do trigo. O que deposita pôde vender a quantidade com que entra nas porções que quizer, dando-se de tudo conta fiel.

Faz pasmar em realidade que um paiz como a Sicilia, a quem a natureza liberalisou tanto os seus dons, apresente o quadro lastimoso da pobreza, e do abatimento, em que se acha. De ha muito que a sua triste condição jaz inalteravel. Brydone depois de observar que a fertilidade da maior parte das planicies, sem tapumes, sem adubos, e quasi sem cultivo, é verdadeiramente assombrosa, diz que se a ilha fosse bem cultivada seria o grande celeiro da Europa. Do mesmo modo refere Simond que poderia ter cinco tantos da actual população, se a deixassem laborar sem estorvos, e desagrilhoada de absurdas disposições regulamentares, porque a natural capacidade das terras é superior á má cultura. O distincto economista Mr. Macculloch, auctor do moderno *Diccionario de Commercio*, attribue o estado retrogrado da Sicilia á especie de dependencia colonial, em que sempre teem conservado esta ilha as potencias da Europa, que a teem regido.

Quando os Romanos foram expulsos da Sicilia, foram os Sarracenos os que primeiro a occuparam, depois os Normandos, e dahi os Francezes: findou o dominio destes com as famigeradas, e sanguinolentas Vesperas Sicilianas; e um principe da casa de Aragão foi chamado ao throno, ficando a ilha como uma dependencia, primeiro da corôa Hespanhola, e ultimamente do reino de Napoles. — Os abusos multiplicados, que medraram em Hespanha em tempo de Fernando o Catholico, e de seus successores da linha Austriaca, se espalharam com a mesma abundancia pela Sicilia, e a experiencia mostrou que não menos destruidores foram da industria e civilização da ilha, do que em Hespanha. O regimen napolitano lhe tem sido igualmente pernicioso. Brydone, no seculo passado, notou, e reprehendeu vigorosamente os máus effeitos de uma administração funesta. — «É realmente de todo incomprehensivel (diz elle) como um governo, por execravel que seja, pôde ser capaz de fazer pobre e miseravel um paiz, que produz quasi espontaneamente quanto até o luxo pôde desejar.»

Em outra parte fallando dos habitantes de uma aldêa por onde passou. — «A vista deste miseravel povo me penetrou d'indignação. Esta aldêa está cercada dos mais bellos terrenos do mundo; e não obstante isso nem pão, nem vinho lá se encontrava; e os pobres habitantes pareciam meios mortos de fome.»

Mr. Simond, viajante muito moderno não é menos severo. Caracterisa o governo da ilha como se reunisse quasi todos os defeitos tanto theoreticos como práticos, de que as instituições politicas são susceptiveis.

— «É um modelo (diz elle) neste sentido: alli achamos um systema de leis inteiramente barbaro, e a administração dellas notoriamente corrompida, e tributos enormes levantados arbitraria e desigualmente. As terras geralmente se arrendam, ou aforam, com taes condições que são inalienaveis, de fôrma que poucos podem ser proprietarios; e os arrendamentos, pelo menos os das terras da Igreja, ligam sómente o foreiro, e não o directo senhor. — Á falta d'estradas não podem transportar-se as produções de umas a outras partes da ilha: em consequencia disto, pôde, como frequentemente acontece, existir a escacez e a abundancia, ao mesmo tempo em differentes sitios, sem meios de opportuna, e efficaz comunicação.» —

Ha muitos paizes na Europa, cujos interesses materiaes padecem pela ruindade das estradas; porém na Sicilia o mal subiu a um ponto, a que nada chega.

A natureza da superficie da ilha muito variada faz impraticavel qualquer systema de comunicação, que não seja o d'estradas artificiaes, construidas com habilidade, e que vençam os muitos obstaculos naturaes do sólo; mas, não obstante esta precisão, as não ha, mesmo entre cidades principaes; e nas partes mais remotas do interior unicamente as substituem, em o tempo secco, os leitos *dei fiumari*, ou torrentes das montanhas. Contam que o rei, que falleceu, dera uma vez volta á roda da ilha com o principe hereditario, e não só víra o máu estado das estradas, mas até soffrêra seus transtornos trabalhando por vencer os obstaculos, que se lhe oppunham ao caminho. Julgaram que era excellente a occasião de instar pela conveniencia e necessidade de fazer alguns melhoramentos, e choveram para este fim as petições de todos os districtos; mas o rei, assim que se apanhou são e salvo em casa, disse que elle tinha concluido a jornada, e os mais que fizessem outro tanto.

Todavia, o grande impedimento (segundo Macculloch) com que tem de batalhar a industria siciliana é a restricção imposta na exportação do genero commercial da ilha, o trigo; porque ainda que as difficuldades já não são como eram algum tempo, com tudo inda são tantas, que oppoem invencivel obstaculo á diffusão dos melhoramentos, e desenvolvimento dos recursos nacionaes. Nenhuma exportação de trigo se pôde effectuar sem permissão do *Real Patrimonio*, tribunal a que attribuem o encargo de fiscalisar annualmente o todo da producção, e a quantidade necessaria para consumo interior. Quando esta corporação decide que pôde fazer-se a exportação, publica as suas licenças para certas quantidades determinadas, ou (como alguns dizem) vende-as a meia duzia de individuos favorecidos, que por consequencia ficam habeis para regular os preços; de maneira que estes, e não os cultivos tiram todo o proveito. — «Por isso (diz Simond) quer as colheitas sejam fartas, quer minguidas, nada influem nos ganhos dos productores, que se desanimam; e frequentemente escaceia o trigo n'um paiz, que outr'ora foi o celeiro da imperial Roma; isto tendo agora um sexto da população, que tinha nessa epocha.»

O mesmo escriptor menciona como prova do apuro, e extensão do systema fiscal, que ninguem pôde ir de uma cidade para outra com um pão ou uma peça de carnes, sem permissão especial. É o peor é que toda esta vexação é sem resultado; sendo no caminho para o thesouro sangradas as pequenas fontes de rendimento por dilapidações de toda a casta.

— «Se a bondade do terreno não fosse contrariada por leis e instituições viciosas (é a opinião de Mr. Macculloch), a Sicilia indubitavelmente seria um dos mais bellos e ricos paizes da Europa; o que necessita é segurança da propriedade, e liberdade da industria. Deixem-a empregar livremente os seus meios, e dentro em poucos annos desenvolverá os seus desmedidos recursos; e Girgenti, Termini, e Sciacca, virão a ser muito notaveis escalas para exportação de trigos.» —

A gravura, que precede este artigo, é o conspecto de uma festa popular, que costumam fazer os camponeses das visinhanças de Catania para celebrar o fim das ceifas, e debulhas. A figura principal da procissão é uma rapariga vestida de branco, e montada n'um jumento; á roda vão muitos homens em cavalgaduras semelhantes, e outros a pé levando paveias de trigo em signal das ceifas, que concluíram. Realça, e anima de ordinario esta scena o copioso concurso de povo, e acompanhamento de musicas. Dizem que este costume data de mui remota antiguidade, e parece ser uma reliquia das festas pagãas de Ceres, deusa protectora das seáras.

PRIMEIROS REIS PORTUGUEZES — ANTIGAS DISSENÇÕES COM ROMA.

II

HERDOU o sceptro de D. Sancho 1.º seu filho D. Affonso, esforçado cavalleiro, mas ambicioso de gloria e de mando. Tinha o rei defuncto legado ás infantas D. Tareja e D. Sancha, irmãs do moço principe, as villas de Montemór, Esgueira, e Alemquer, e elle pretendia desapossar-las da herança paterna. O rei de Leão que fôra casado com D. Tareja, e della depois separado por serem parentes, tomou a seu cargo o defende-la. Armou-se d'ahi guerra, em que o papa interveio com excommunhões: mas parece, que D. Affonso cedeu, em parte de suas pretensões, mais por temor das armas leonezas do que dos raios de Roma.

Embora fosse D. Affonso movido pela ambição: nesta sua tentativa podia haver um motivo de publica utilidade. Nos tempos feudaes a oppressão dos povos augmentava em proporção do numero dos senhores; e a liberdade dos pequenos só nasceu do abatimento e diminuição dos grandes. Quanto mais a auctoridade se reconcentrava nas mãos de um unico homem, mais decresciam os males e avexações causadas por um tropel de tyrannos parciaes; e o governo absoluto era a ponte por onde necessariamente as nações haviam de passar, para que a liberdade, que nos tempos barbaros cabia só a uma parte dos homens, viesse hoje a ser propriedade de toda a sociedade em commum. E por esta occasião devemos notar que ainda nos seculos 10.º e 11.º a liberdade, do modo que então se entendia, era só para os *livres* ou *ingenuos*, como então lhes chamavam, e que os servos *de penna* e suas *crias* (servos de criazon) e os Mouros captivos estavam sujeitos ao despotismo de seus donos e até ao direito de *soga e cutello*. Esta ordem social só os reis a podiam destruir, e se D. Affonso nisso trabalhou, não lhe deixará de ser grande gloria a semelhança que por tal motivo teve com S. Luiz, rei de França, que deu os mais valentes golpes no feudalismo que assolava aquelle paiz.

As leis até o tempo de D. Affonso eram apenas municipaes. De seu reinado são as primeiras côrtes de que temos noticia, e foi elle que promulgou leis geraes. Nellas se mostra que esse principe sabia unir a equidade com a politica. O seu reinado é pouco celebre pelo lado militar: o mais notavel feito d'armas dessa epocha foi a tomada de Alcacere do Sal pelo bispo de Lisboa, ajudado de alguns cavalleiros cruzados, que por esse tempo arribaram ao Téjo. Com tudo D. Affonso não esteve em paz: o clero substituiu os Mouros: e menos inquietações teriam talvez causado a este rei dez entradas de infieis, do que os enredos do arcebispo de Braga, e a violencia de Honório 3.º Pretendeu D. Affonso sujeitar os ecclesiasticos, quando criminosos á lei civil — impoz tributos nos bens sacerdotaes — e castigou o arcebispo, que intentava oppôr-se a estas justas disposições. Fulminou então o papa uma bulla indecorosa, e recheada das excommunhões do costume. Não cedeu o principe, ao que parece, porque em 1223, epocha da sua morte, ainda pesavam sobre elle as censuras papaes.

Por sua morte tomou as redeas do governo o infante D. Sancho. Apenas empunhou o sceptro, congraçou-se com o arcebispo de Braga, e sobreestive nas disposições rigorosas, que contra o clero tinha estabelecido seu pai. Foi depois que tentou seguir a vereda que lhe elle abrira, mas já era tarde. Assim o começo do seu reinado mereceu os elogios dos nossos historiadores, achando-lhe os fins tão dignos de reprehensão. A mal entendida piedade os fez ser demasiadamente injustos com um rei, cujo principal defeito foi

um genio em extremo bondoso, e cuja queda nasceu de querer obrar com justiça, sem ter o vigor necessario ao principe que quer ser justo.

Em quanto mancebo exercitou D. Sancho as armas contra os Mouros com prosperos successos. Foram fructos das suas fadigas militares, as conquistas de muitas villas e logares de grande monta, taes como Elvas, Aljustrel, Arronches, e Aiamonte. Neste tempo foi que elle começou a querer pôr novamente em prática as leis de seu pai tocantes ao clero, e que este começou a trabalhar por o derrubar do throno. Então aprendeu elle, bem á sua custa, quanto era terrivel a vingança sacerdotal.

Gregorio 9.º tinha morrido; e Innocencio 4.º lhe succedêra. As dissenções de Frederico 2.º, imperador de Allemanha, com aquelle, continuaram com este. Innocencio, perseguido, e expulso d'Italia pelo imperador, repellido de França por S. Luiz, e de Hespanha pelo rei de Aragão, acolheu-se á cidade de Leão, onde logo tractou de reunir um concilio para depôr Frederico. Lá se apresentaram entre os legados de Portugal, o arcebispo de Braga, o bispo de Coimbra, e os outros descontentes; e o papa ajuntou á deposição do imperador de Allemanha a de elrei de Portugal. Affonso, conde de Bolonha, e irmão de D. Sancho, foi nomeado regente do reino, para onde partiu com grande apparatus, não de exercito, mas de interdictos, excommunhões, e absolvições, instrumentos que principalmente lhe serviram para usurpar a corôa. Chegando a Portugal, D. Sancho, cujo throno o povo parecia inclinado a defender, cobardemente fugiu para Castella, donde depois tentou recuperar o perdido, e em vão o tentou. D. Affonso assenhoreouse, parte com peitas, parte á força de armas, de todos os logares fortes; e o rei desenthronizado morreu n'um paiz estrangeiro, deixando o nome entregue ás calumnias dos seus inimigos, e ao desprezo da posteridade.

Custou, com tudo, a D. Affonso a alcançar a posse pacifica do reino. Alguns alcaides de certas villas e cidades recusaram obedecer-lhe: e é assaz celebre em nossas historias a defeza de Coimbra por Martim de Freitas. Cercado por mais de um anno, nem o aperto do sitio, nem os promettimentos do usurpador puderam abalar sua constancia. Avisado de que D. Sancho morrêra, passou, com permissão de D. Affonso, aavez do campo inimigo, e foi a Toledo certificar-se por seus proprios olhos da morte do seu soberano, em cujas mãos geladas depositou as chaves da cidade. Tornando-as depois a tomar, voltou com ellas a Coimbra, e abriu as portas a D. Affonso, então legitimo successor do reino. Queria-o este conservar em seu cargo, o que elle recusou, indo viver no retiro, que esclarecia o esplendor da sua virtude, e da sua acrisolada fidelidade.

OS SABEUS OU CHRISTÃOS DE S. JOÃO.

DERAM na Europa o nome de Christãos de S. João a certa seita religiosa, assaz curiosa, que hoje existe derramada por varias paragens da Asia, nomeadamente nas cercanias de Bassora, e em diversos sitios da Arabia, da Persia, da Syria, e até da India. Foi sem fundamento que lhes chamaram Christãos; porque de modo nenhum o são, nem reconhecem um só dogma da religião de J. C. — Baptizam-se; e como este acto, para os não christãos, e para todos os que lhe não comprehendem o sentido mystico, parece caracteristico do Christianismo, dahí veio haverem por seita christãa particular a dos Sabeus, quando apenas o seu baptismo o é na fórma externa.

O nome desta seita é o mesmo da dos antigos Sa-

beus ou Chaldeus, adoradores do firmamento, mas as parencas que ha entre ellas são quasi imperceptiveis. A de que fallámos nasceu directamente do judaismo, misturado com varias opiniões chaldaicas sobre os anjos e os demonios, opiniões, que, como sabemos, incaram o judaismo primitivo: alguns usos e preceitos moraes, semelhantes aos do Christianismo, accrescem a esse judaismo chaldaico dos Sabeus, que no essencial não differe do judaismo moderno.

O mais interessante que ha ácerca dos Sabeus, é o vir a seita desde o tempo de S. João Baptista, e poderem servir as suas tradições, na falta de mais amplas noticias, para nos dar idéa do que eram os discipulos deste celebre propheta, que, por suas proprias mãos baptizou J. C. nas aguas do Jordão. Os Sabeus chamam-se a si mesmos *Mendaiie* de *Jahiia*, isto é, *discipulos de João*: a sua crença foi fundada pelos sectarios deste propheta, os quaes, depois da morte de seu mestre, ficaram sobre si, e recusaram ajuntar-se aos seguidores de Jesus. Tractaram de fundar uma religião particular, e conservaram o baptismo tal e qual seu mestre o costumava administrar. Nos Actos dos Apostolos se mencionam os discipulos de S. João; e dahi resulta, indubitavelmente, que desde esta epocha elles se haviam espalhado, como os discipulos de Christo, fóra da Palestina. O capitulo 18 daquelle livro do Testamento Novo contém a historia de um judeu, mui instruido e eloquente, que veio a Epheso pouco depois de S. Paulo, donde foi a Corintho, fazendo em ambas estas cidades um grande numero de proselytos. O sabeismo, espalhado por esta propaganda, conservou até hoje o baptismo de S. João; e a formula de que usam nesta cerimonia capital revela a sua origem com tal clareza, que nenhuma duvida admitte. Contentam-se de pronunciar estas palavras: « Eu te baptizo com o mesmo baptismo com que João baptizou seus discipulos. » Esta palavra não parece ter significação alguma theologica, mas é clarissima a sua significação historica. Reconhecem os Sabeus que João annunciou o Messias, como os outros prophetas israelitas o annunciaram; mas negam que J. C. o fosse, e como os judeus esperam ainda a sua vinda. Affirmam por consequencia, que os discipulos de Jesus romperam o Baptismo, administrando-o em nome do Padre, do Filho, e do Espirito Sancto, e que J. C. não estava nas circumstancias de lhes conferir tal direito. A imitação e commemoração de S. João formam os principaes fundamentos do seu culto. Nas ceremonias religiosas, distribuem aos assistentes mel e gafanhotos em memoria do modo porque o seu patrono viveu no deserto, e isto é a sua communhão, communhão commemorativa como a dos calvinistas. Todos os annos renovam o baptismo, para o que vão ao rio mais proximo, despem-se, mergulham-se nelle dos pés á cabeça, e quando saem, o sacerdote, posto na margem do modo que se costuma pintar S. João, lhes derrama agua sobre a cabeça com um vaso, dizendo: « Eu vos renovo o vosso baptismo em nome do Padre, e do nosso Salvador João. Como elle baptizou os judeus no Jordão e os salvou, assim vos salvará a vós. » — Outra festa importantissima para elles é a do *Milagre*, cujo objecto é a commemoração de um milagre por elles attribuido a S. João, com o qual livrou a Galilea de um monstro saído do lago de Tiberiade. Nesta occasião todos os que podem, ou cuja devoção é maior do que outro qualquer respeito, saem da sua terra, e vão peregrinando até as margens do lago, ao lugar onde, segundo dizem, S. João matou o monstro: os mais occupados, ou menos fervorosos, contentam-se com celebrar a festa em casa. As duas outras solemnidades principaes que teem são a da Natividade e a da Morte de S. João.

São quatro os seus livros sagrados. O primeiro, chamado *Divan* tracta da queda dos Anjos e da criação do homem; o segundo, chamado *Sedra-ladam*, é o livro de Adam; o terceiro, *Sedra Jahiia*, é a revelação de S. João, communicada, como elles affirmam, por este propheta a seus antepassados; o quarto, intitulado *Cholasteh*, contém a collecção das suas ceremonias religiosas. Estes livros, conservam-nos elles com grande cuidado, e são mui raros. As tentativas que os Maronitas, entre os quaes vivem, teem feito para lh'os destruir, fazem com elles nesta materia sejam assaz acautelados. Possui, com tudo, a bibliotheca real de Paris muitos manuscriptos sabeus, trazidos, em grande parte, para França no reinado de Luiz 14.º, e por industria do ministro Colbert. Mr. Silvestre de Sacy deu já uma noticia bibliographica destes manuscriptos, enterrados largos annos no pó dos armarios, sem que se conhecesse a sua valia.

A passagem destes livros de S. João o Precursor, na qual se tracta dos mandamentos de Deus, é digna de notar-se com especialidade; porque serve para mostrar a solidez dos fundamentos em que os Christãos estabelecem, segundo a auctoridade do Evangelho, a gloria de S. João. É evidente que estes preceitos tirados em parte dos de Moysés, apresentam, com tudo, mais amavel, evangelico, e sublime caracter.

« Abster-vos-heis do peccado e do roubo; não amareis a mentira; não sereis homicidas; não cubicareis o ouro e a prata; não adorareis Satanaz e os seus idolos. — O Rei da luz, o Arbitro supremo do mundo, julgará as almas de todos os homens, segundo as suas obras. — Não pretendereis ser entendidos nos prestigios do demonio; não levantareis falso testemunho; não faltareis á justiça, porque o que faltar a ella será lançado n'um brazeiro ardente. — Dai esmola ao pobre; porém não o publiqueis: se a derdes á direita, escondi-o á esquerda; se á esquerda, que não o saiba a direita. Quando virdes um homem nú, vesti-o: quando virdes um fiel entregue ao mal, aliviái-o. Honrai pai e mãe, e os velhos: ai daquelle que desprezar pai e mãe! — No beber, e no comer; no entrar e no sair; em tudo quanto fizerdes, honrai e exaltai o nome do Senhor! »

Os Sabeus são muito unidos entre si: respeitam estremamente o matrimonio, e as mulheres e homens, em vez de viverem separados, como a maior parte dos orientaes, vivem em intimidade conjugal, muito mais perfeita, e mais parecida com os nossos costumes. Dão-se os homens geralmente á agricultura, e as mulheres a fabricar fazendas de seda. Quanto ao vestuario, alimento, hospitalidade, e em geral aos usos exteriores, os Sabeus se parecem com os Arabes, que os rodeam. A religião basta para differenciar inteiramente os dois povos.

A existencia desta seita, tão curiosa a todas as luzes, e tão interessante pelo que respeita á historia primitiva do Christianismo, despertou pela primeira vez a attenção da Europa no meiado do seculo 17.º Um carmelita, o P. Ignacio de Jesus, enviado pela cõrte de Roma com certa missão aos Nestorianos, teve occasião, durante a viagem, de encontrar e estudar os Sabeus: voltando para Roma em 1652, publicou um livro em latim, intitulado: *Relação da origem dos ritos e erros dos Christãos de S. João*. Os viajantes do decimo septimo seculo, particularmente Koempfer, que foi na embaixada mandada á Persia pelo rei de Suecia, em 1683, continuaram a espalhar no Occidente algumas noticias ácerca dos Sabeus. A obra mais erudita, exacta, e completa sobre a materia, foi a que compoz Mattheus Norberg, e que imprimiu no

quarto volume dos Annaes da Sociedade de Göttinga. Norberg tinha tirado apontamentos dos manuscritos da Bibliotheca real de Paris, e conversado, em Constantinopla, muitos Maronitas instruidos, que haviam examinado de perto os Sabeus. Os manuscritos de Paris, que são os monumentos mais preciosos que sobre tal materia possui a Europa, constam de sete volumes, afóra algumas folhas soltas; são escriptos em lingua sabea, dialecto particular dos Syros, e ainda não foram publicados nem traduzidos na sua integra. O illustre orientalista Mr. de Sacy, resumiu-se, como já dissemos, em dar a conhecer em geral o que nelles se continha.

Eis o que os estrangeiros hão dito ácerca desta seita curiosa: vejamos agora o que della refere um escriptor nosso que viveu com os Sabeus. E' este o jesuita Godinho que assim falla delles na sua viagem, impressa em 1665.

« O maior numero de Christãos que ha em Baçorá são os de S. João, chamados naquellas partes Sabís, os quaes se prezam de serem descendentes daquelles que converteu o glorioso S. João Evangelista, que dizem chegou com os raios de sua doutrina a allumiar muitas terras do Oriente. O nosso padre João de Lucena é desta mesma opinião. . . . Eu porém sou de parecer que estes Christãos sabís se chamam de S. João, não por serem convertidos pelo Evangelista, senão porque em todas suas ceremonias procuram assemelhar-se ao Baptista. Assim como elle baptizava no Jordão, assim elles não baptizam senão no rio: e a fôrma das palavras que pronunciam é esta: Eu te baptizo assim, e da maneira que baptizou a Christo o Sancto Baptista. Acrescenta-se a isto, que não tem missa, nem a ouvem; o que se não achará em Christãos nenhuns convertidos pelos Apostolos. Ora tem muitas superstições judaicas; o que tudo mostra serem estes Christãos daquelles que o Baptista converteu a Christo nas praias do Jordão, e como lhes faltou seu divino Mestre tão depressa, e elles se retiraram para as correntes do Eufrates no reino de Bombareca e Baçorá, foram com o tempo apagando-se nelles as tintas da fé, que o sancto precursor lhes prégo. Não comem carne alguma que outrem matasse, não sendo seu sacerdote. Baptizam-se muitas vezes no anno, e não communicam com nenhuns Christãos dos orientaes; menos com Mouros, aos quaes tem mortal odio, vivendo entre elles. Os casamentos fazem-se na fôrma seguinte. Levam noivo e noiva ao rio despidos da cintura para cima, alli lhes ajunta o sacerdote, ou ministro daquella cerimonia, os pescocos pela parte detraz da cabeça, e dando-lhes umas pancadinhas nas cabeças com certo cajadinho, e certas palavras, os tira da agua, e manda para casas separadas, onde estão um mez: este acabado, os tornam a levar ao rio, onde os baptizam, e acabam de casar.

Assim em Baçorá, como no reino de Bombareca seu visinho, que hoje é do Persa, haverá trinta mil familias desta gente: a qual no tempo que governava a India o conde de Linhares, lhe mandaram seus embaixadores, pedindo licença e navios para se passarem ás terras do Estado: a qual licença se lhes mandou, e vieram muitos a Mascate, donde se repartiram por algumas povoações que tinhamos na Felix, e alguns passaram a Ceylão, onde foram muito bons soldados. A vida destes Christãos de S. João naquellas partes, é de todos os officios mechanicos, principalmente de ourives, assim de ouro como de prata. As mulheres são alvas e de boas feições, sobretudo muito castas: vestem á persiana e turqueza: trazem por galantaria furado o nariz entre venta e venta, e dependurada d'elle uma grande argola de ouro a uso da terra.



DAMIÃO DE GOES.

DAMIÃO de Goes nasceu em Alemquer, em 1501, de nobre ascendencia: educado desde a idade de nove annos na côrte delrei D. Manoel, de quem foi camareiro e guardaroupa, só della saiu para viajar pela Europa, sendo successivamente nomeado embaixador de Portugal na Polonia, na Dinamarca, e na Suecia. Acabados vantajosamente os negocios de que fôra incumbido, proseguiu nas suas peregrinações por varios paizes, merecendo em toda a parte a estima dos reis e dos sabios que tractou familiarmente, e dos quaes foi amado e reverenciado. Homens tão illustres como os cardeaes Bembo e Sadoletto, o historiador Oláu Magno, os eruditos Glareano e Pedro Nanio, lhe escreviam cartas cheias de amizade e louvores, ou lhe dedicavam suas obras. O celebre Erasmo, auctor do *Elogio da Loucura*, e terror dos homens de letras do seu tempo, viveu cinco mezes em Friburgo com Damião de Goes, a quem sempre respeitou. Depois de quatorze annos de viagem, assentou este em fim o seu domicilio nos Paizes-Baixos, onde, casando na Haia, foi habitar em Lovaina. Aqui viveu algum tempo entregue ao estudo e repouso domestico, até 1542 em que a cidade foi cercada pelos Francezes. Neste sitio capitaneava Damião de Goes um corpo de estudantes em que consistia quasi só a defeza de Lovaina. — Algumas pessoas principaes tractavam entretanto com os Francezes, para se renderem, o que sabendo Damião de Goes foi com o governador da cidade ao campo francez, para que as condições da entrega fossem menos onerosas. Feitas treguas o governador voltou á cidade; mas dahi a pouco rompeu outra vez o fogo dos sitiados, o que vendo os Francezes, mandaram Damião de Goes prisioneiro para França, onde soffreu grandes males, libertando-se por preço de 2000 ducados depois de ter estado retido largo tempo em Saint-Quentin no Vermandois. Mandado recolher a Portugal por D. João 3.º, já em 1546 se achava restituído a patria, onde foi nomeado guarda-mór interino da Torre do Tombo, no impedimento de Fernão de Pina, preso por crimes de que o accusavam. Dahi a pouco por morte do bispo de Miranda, D. Antonio Pinheiro, deu-lhe elrei o cargo de chronista-mór, que desempenhou publicando a chronica de elrei D. Manoel, cuja ultima parte saiu em 1567, e dando á luz no mesmo anno a chronica de D. João 2.º em quanto principe.

Os ultimos annos da vida deste homem celebre foram, ao que parece, os mais inquietos de toda ella. No anno de 1571 Damião de Goes foi demittido do cargo de guarda-mór, e sepultado nas masmorras da inquisição. Sabe-se que uma sentença daquelle tribu-

nal de horrivel recordação o condemnou a degredo e a confiscação de todos os seus bens: esta sentença parece foi adocada mandando-se-lhe cumprir o degredo no mosteiro da Batalha. Consta que estava já restituído á sua casa quando morreu pouco mais ou menos por 1573. O genero de sua morte é hoje um mysterio. Ha quem diga que morreu de uma apoplexia, outros dizem que fôra assassinado. Por ventura é esta a opinião verdadeira. Talvez os inquisidores não se atrevendo a lançar nas fogueiras de um auto de fé o homem a quem um papa e varios reis da Europa tinham tractado como amigo, fizeram com que o punhal de assassinos os livrasse de Damião de Goes, cujo saber e ousadia lhes podia ser fatal. A residencia deste na Allemanha, o tracto que tivera com os reformadores religiosos, a sua intimidade com Erasmo, deviam ter influido nas suas opiniões ácerca da igreja de Roma, que neste tempo favorecia, com a falta dos bons costumes, o progresso do Lutheranismo. Damião de Goes, habituado a exprimir livremente os seus pensamentos, commetteu uma imprudencia em vir metter-se na cõrte de Portugal; e esta imprudencia lhe custou o socego dos ultimos dias da vida.

Além das duas chronicas de que já fizemos menção, Goes publicou durante as suas peregrinações pela Europa varias obras latinas, como a *Deploração da gente Lappiana*; a *Embaixada do Preste João*; a *Fé, Religião e costumes dos Ethiopes*; as *Historias do 1.º e 2.º cerco de Diu*; a *Descripção de Lisboa*, e outros diversos livros ainda hoje muito estimados. Foi Damião de Goes, além de escriptor illustre, excellente musico, e muitas das suas composições se guardavam ainda no Archivo da Musica no tempo d'elrei D. João 5.º

DE ALGUNS JOGOS QUE APPARENTEMENTE REQUEREM GRANDES FORÇAS.

APPARECEM de tempos a tempos nos theatros e praças homens cujos pasmosos jogos de forças chamam a attenção do povo, e muitas vezes ha mais geito do que força real na maior parte dos espectaculos assim offeridos á curiosidade publica.

Sem que emprehendamos dar neste artigo a explicação de todos elles, indicaremos alguns que o doutor Desaguliers poz em prática, explicando-os ao mesmo tempo, na presença da Sociedade Real de Londres, e que não eram mais do que a exacta repetição dos que no começo do ultimo seculo executava na capital da Inglaterra, um Allemão chamado Van-Eckeberg.

N'um destes exercicios afivelava Van-Eckeberg na cintura um forte cinturão, que tinha na parte dianteira um anel de ferro, por onde passava uma corda presa a um poste em certa altura, e igualmente enfiada por outro anel tambem pregado no mastro. Pondo os pés d'encontro ao poste erguia-se quasi horisontalmente até a altura da argolinha, e depois entesando subitamente as pernas, quebrava a corda, e caía sobre um colchão posto por baixo.

N'outra experiencia estendia-se ao comprido no chão, e punham-lhe uma pesada bigorna em cima do ventre, sobre a qual forjava um homem um pedaço de ferro a poder de rijas martelladas. Para variar, cortavam outras vezes dois homens na mesma bigorna, com um escopro, uma grossa barra de ferro frio, ou partiam ás martelladas enormes pedras.

Van Eckeberg apoiando os pés n'uma cadeira e encostando os hombros n'outra, formava com o corpo uma abobada á qual subia um homem que todos

viam elevar-se ou descer conforme o paciente tomava ou soltava a respiração. Nesta abobada carregava tambem n'outras occasiões o peso de tres ou quatro pessoas, sem que Van-Eckeberg se mostrasse fatigado, o qual reproduzia finalmente nesta posição todas as experiencias da bigorna e do martello.

O esforço que mais extraordinario parecia consistia em pôr uma peça d'artilheria sobre uma especie de prato de balança pendente de quatro cordas atadas no ponto da reunião a uma só corda ou cadêa, presa á cintura de Van-Eckeberg. Por baixo do prato estavam mettidos dois rolos, e dado um signal, tiravam-nos, e a peça ficava suspensa á cintura do athleta.

A explicação da primeira e da ultima experiencia não envolve difficuldade alguma. Ellas baseam-se inteiramente na resistencia natural dos ossos da bacia, que formam uma duplice abobada cuja ruptura não póde ser causada por uma força immensa, na situação em que se achava Van-Eckeberg, isto é, por uma pressão externa exercida sobre o fecho das duas abobadas. Por outro lado os ossos das coxas e das canellas podem supportar no sentido do seu comprimento o peso de cinco a seis mil libras, e por conseguinte Van-Eckeberg podia sem muito custo suspender daquelle modo a peça d'artilheria, conservar-se na posição horisontal d'encontro ao mastro, e partir a corda.

A experiencia da bigorna era realmente a mais estupenda; porém toda a difficuldade estava em aguentar com o peso da bigorna, porque o effeito das martelladas era inteiramente nullo para o Alcides. Se a bigorna fosse uma simples folha de ferro ou tivesse apenas o dobro ou o triplo do peso do martello, bastariam algumas pancadas para matar o athleta; mas sendo pesadissima, leve impressão causavam as martelladas, por quanto o impulso dado ao malho repartia-se depois do choque por uma massa de materia talvez cem vezes maior, e consequentemente não produzia no corpo do paciente senão um effeito cem vezes menor. Além disso, a reacção da bigorna ou da pedra contra o malho tambem amortecia a força das pancadas.

Finalmente a terceira experiencia explica-a optimamente a grande resistencia que oppunha á pressão a abobada formada das arcadas osseas, que se escoravam mutua e perfeitamente. Cumpre observar ao mesmo tempo que neste caso a experiencia da bigorna era muito menos perigosa do que quando o Alcides jazia deitado de costas no chão.

A par destes jogos que provam mais habilidade do que força, citam-se com tudo alguns actos que revelam uma força verdadeira.

Eis-aqui muitos executados por um Inglez chamado Tophan, de trinta e um annos d'idade.

Esmagava entre o dedo pollegar e o terceiro um cachimbo de barro.

Mettia um cachimbo de barro entre a liga da meia, e rebentava-o intumescendo sómente os musculos.

Pegando com a mão direita n'uma barra de ferro de tres pés de comprimento, e uma pollegada de diametro batia com ella no braço esquerdo arregaçado, entre o cotovelo e o pulso, até curva-la a ponto de formar um angulo recto.

Tomava uma barra de ferro cujos dois extremos eram semelhantes, punha-a no meio do pescoço, e depois unindo as duas mãos entortava-a até fazer tocar as duas pontas; e por fim, fazendo um esforço em sentido contrario indireitava a barra quasi de todo. Esta habilidade era muito mais difficil do que a precedente, porque os musculos de que depende o apartamento horisontal dos braços são mais fracos do que os que os fazem unir.

CERVEJA CASEIRA.

O modo de fazer na Inglaterra a cerveja caseira com promptidão e pouca despeza é o seguinte. Toma-se um quarto de pipa, atocha-se-lhe bem o batoque; põe-se a prumo sobre um dos tampos, e perto do fundo abre-se-lhe um buraco, que serve para levar uma torneira por onde se despeja a cerveja. No meio do tampo de cima faz-se outro buraco, que é tapado com uma rolha ordinaria.

Supponhamos que o barril leva seis almudes, e que se deseja fazer cerveja forte: deitai cinco libras de agua em uma caldeira, e logo que comece a ferver lançai-lhe dentro libra e meia de *lupulo* (vulgò pé de gallo) de boa qualidade; deixai ferver por espaço de cinco minutos, e no liquido separado do pé dissolvei quatorze libras de assucar e uma canada de lavadura de cerveja fresca e de excellente qualidade; vasai tudo isto no barril, e a fermentação não tardará a desenvolver-se. A escuma sairá ao principio do barril, mas por causa das bordas das aduellas tornará por fim a entrar e cairá no liquido. No verão, sendo o calor regular, tres semanas ou um mez bastarão para que a fermentação se ultime. Nos ultimos quinze dias é necessario metter a rolha no buraco superior, e destapa-lo todas as quarenta e oito horas. Em tendo inteiramente desaparecido o sabor adocicado, calca-se a rolha, e quatro dias depois está a cerveja em termos de se beber ou engarrifar. Pouco importa a qualidade do assucar, com tudo o branco produz constantemente cervejas mais claras, mais leves, de gosto mais fino e delicado, e que não tem o sabor enjoativo e glutinoso das cervejas ordinarias. Póde-se dar côr a esta cerveja, se se quizer, com algumas aparas de pão muito torradas: ella se clarifica por si mesma, é mui leve no estomago, de facil digestão, e fórma uma bebida salutifera.

Uso do chlorureto de cal para combater os effeitos da mordedura das viboras. — Basta desfazer n'uma pouca de saliva uma porção de chlorureto de cal bem forte, e untar com esta massa a ferida resultante da mordedura, fazendo entrar bem o chlorureto na chaga. Dentro de alguns minutos cessam os incommodos, e o animal torna ao seu estado ordinario. Esta propriedade do chlorureto de cal foi comprovada por muitas experiencias feitas nos animaes, e não duvidámos, posto que a experiencia ainda o não haja demonstrado, que a sua applicação seja igualmente proficua ao homem. As pessoas que levam animaes a sitios onde ha muitas viboras, farão mui bem em munirem-se d'um frasquinho cheio de chlorureto de cal em pó, para poderem applicar o remedio, sem a menor perda de tempo, depois da mordedura.

Uso da fuligem como estrume. — A fuligem, vulgarmente chamada ferrugem da chaminé, a não ser misturada com outro adubo, deve ser empregada com tento, visto conter muita ammonia. Releva que seja espalhada pelos prados no começo do hynverno: ella produz um effeito maravilhoso nos dois primeiros annos, que chega a estender-se ao terceiro. Misturada com terra e estrume, ainda os seus effeitos são mais vantajosos: os alcalis da fuligem combinando-se com a parte oleosa formam um torrão saponaceo em que todas as castas de plantas vegetam optimamente. A composição deve constar de duas partes de terra, uma de fuligem, e uma de esterco.

Forma-se uma camada de terra, cobre-se de fuligem, e sobre esta lança-se o estrume, e assim por

diante, alternando sempre as camadas, de que se farão montes da altura de quatro e meio a seis palmos.

A fuligem misturada com a terra de cava ou de muinha das estradas fórma ao cabo de seis mezes um bom torrão, e para os prados, a que o referido adubo é principalmente applicado, é mais proveitosa esta mistura do que a simples fuligem. Em taes circumstancias não é damnoso empregar maior porção de fuligem; porém não sendo misturada cabem quatorze a dezeseis alqueires por duzentas aguilhadas quadradas. Este adubo convém aos terrenos humidos, destroe o musgo, e neutralisa a força vegetativa do sólo. O gado come com avidez a herva creada em terras assim estrumadas.

Singular destreza de uma cabra. — Quando iam no caminho de Jerusalem para Bethlem (diz o Dr. Charke nas suas Viagens) encontrámos um Arabe com uma cabra, a qual lhe servia para ganhar a vida, mostrando-a por dinheiro. Ao som de uma cantiga que o dono cantava, o destro animal se punha em cima de pequenos pedaços de madeira cilindricos, postos a topo uns sobre os outros, fazendo a figura das tabulas de um gamão empilhadas, porém muito mais alta cada uma das peças. Deste modo estava a cabra primeiramente sobre o topo de um dos cilindros, depois de dois, e seguidamente de tres, quatro, cinco, e seis, até em fim ficar posta sobre todos juntos, na altura de uns poucos de palmos, sem que a solta peanha, em que se collocára, viesse a terra, apesar de ter os quatro pés reunidos em um ponto tão limitado. Esta habilidade com ascabras, costumam fazela os Arabes ha muito tempo, e Sandys já falla della. Nenhum outro facto prova como este a tenacidade e firmeza de pés que possui semelhante quadrupede para suster-se nos pincaros e agulhas dos rochedos. Tal exemplo de destreza vem desfazer o espanto que causa o ver ás vezes as cabras dos Alpes e de outros sitios escabrosos, andarem á vontade por trilhos e passos onde apenas lhes cabem os pés, isto por bordas de despenhadeiros tremendos, e de insondaveis abyssos. O diametro do ultimo cilindro de cima, em que se collocava a cabra do Arabe, no fim da habilidade, era de duas pollegadas, e a altura de seis.

Pastilhas para destruir o máu halito. — Tres onças de chocolate ou café em pó, uma onça de carvão vegetal porphyrisado, uma onça de assucar, uma oitava de baunilha, e de mucilagem de gomma arabica quanto baste. Fazem-se pastilhas do peso de 18 grãos, e tomam-se seis a oito por dia.

Electuario para a conservação dos dentes e gengivas. — Uma onça de carvão lavado e porphyrisado, uma onça de mel branco, duas oitavas de assucar abaunilhado, e quatro gotas de essencia de rosas ou de hortelãa. Emprega-se esta preparação como o opiato ordinario: com o accrescentamento de quatro oitavas de quina em pó fica mais energico.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua Direita do Arsenal N.º 55 = 1.º andar.